



**CCPN**

CENTRO CULTURAL PRETOS NOVOS

# **MEMÓRIA À FLOR DA TELA**

**Geléia da Rocinha**

curadoria

**Marco Antonio Teobaldo**

# MEMÓRIA À FLOR DA TELA

## Ficha técnica | Credits

Artista | Artist  
Geléia da Rocinha

Curadoria | Curatorship  
Marco Antonio Teobaldo

Coordenação geral | General coordination  
Merced Guimarães dos Anjos | Petrucio Guimarães dos Anjos

Coordenação financeira | Project financial coordinator  
Rachel Guimarães dos Anjos

Coordenação de eventos | Events coordinator  
Raphaelle Guimarães dos Anjos

Projeto gráfico | Graphic design  
Marco Antonio Teobaldo

Textos | Texts  
Marco Antonio Teobaldo

Revisão de textos | Proofreading  
Letícia Peçanha

Tradução | Translation  
Quimera Empreendimentos Culturais

Fotografia | Photography  
Marco Antonio Teobaldo

Equipe do IPN | IPN team  
Antonio Carlos Rodrigues da Silva | Carla Marques | Claudia Vitalino | Filipe Tavares | Jessika Melo de Souza | Michael Leonardo Botelho dos Santos | Rafael Moraes | Wallace Ferreira Ribeiro | William Duarte

Assessoria de Imprensa | Press  
CWeA Comunicação

Produção | Production  
Quimera Empreendimentos Culturais

Realização | Project realization  
Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos | Centro Cultural Pretos Novos

Apoio:



Realização:



# MEMÓRIA À FLOR DA TELA

Em 1869, o fotógrafo alemão Alberto Henschel (Berlim – Alemanha, 13 de junho de 1827 / Rio de Janeiro – Brasil, 30 de junho de 1882) percorreu Recife com sua câmera e fixou, sobre papel e prata, os rostos de africanos escravizados. Eram retratos encomendados sob o signo do olhar colonial, imagens que documentavam corpos negros como objetos de curiosidade, classificação e posse. O registro sobreviveu. Os nomes, não.

Mais de um século e meio depois, Geléia da Rocinha olha para essas fotografias e recusa a lógica que as produziu.

O que ele devolve não é uma memória restaurada pela nostalgia, mas uma memória reinventada pelo sagrado. Em cada tela da sua mais nova série, "Memória à flor da tela", pinturas em acrílica sobre MDF, produzidas em seu ateliê em São Gonçalo, uma figura fotografada por Henschel ressurgiu adornada com os símbolos, as cores e as insígnias dos orixás do Candomblé. Onde havia um retrato sem nome, há agora uma divindade. Onde havia um corpo marcado pela violência colonial, há uma presença espiritual que transcende qualquer arquivo.

São oito obras: Memória de Exu, Memória de Ogum, Memória de Omolu, Memória de Nanã, Memória de Xangô, Memória de Yemanjá, Memória de Oxum e Memória de Oxumaré. Juntas, elas formam um panteão, não como alegoria, mas como ato de fé e de justiça poética. Cada figura recebe um nome que a escravidão tentou apagar. Cada rosto, envolvido agora pelas pimentas de Exu, pelas espadas de Ogum, pelas flores de Nanã, pelas contas de Yemanjá, torna-se veículo de uma ancestralidade que o tempo não conseguiu extinguir.

A linguagem plástica de Geléia da Rocinha potencializa essa operação. Seu traço é vigoroso, frontal e sem concessões ao eufemismo estético. As paletas são vibrantes e intencionais: o vermelho e o preto de Exu, o azul marinho e prateado de Ogum, o branco e o azul de Yemanjá, o amarelo solar de Oxum. Cada cor é teologia, cada forma é símbolo. A pintura não ilustra os orixás: ela os convoca.

Autodidata, nascido e criado na Rocinha, Geléia da Rocinha carrega em sua obra a síntese de uma tradição que não passa pelos museus canônicos, nem pelas academias de belas-arts, mas que se forjou nas ruas, nos terreiros, nas festas e nas memórias coletivas das comunidades negras e periféricas do Brasil. Essa trajetória não é marginalidade: é outro centro. E é precisamente desse lugar que sua arte possui a legitimidade que nenhum diploma poderia conferir.

Não é por acaso que esta exposição abre as portas do Centro Cultural Pretos Novos, novo espaço de arte e educação do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN), na Gamboa. Este bairro carrega no subsolo, e na memória, os vestígios do Cemitério dos Pretos Novos, sítio arqueológico onde foram enterrados africanos escravizados que morreram logo após o desembarque no porto do Rio de Janeiro, sem nome, sem ritual, sem sepultura digna. O IPN nasceu justamente para que esse esquecimento imposto não se perpetuasse.

"Memória à flor da tela" dialoga com essa fundação de forma profunda e necessária. Se o Cemitério dos Pretos Novos é o lugar onde os corpos foram depositados sem nome, a série de Geléia da Rocinha é o lugar onde os nomes retornam, e retornam como potência sagrada. A exposição não é um réquiem. É uma convocação.

Olhar para essas pinturas é ser interpelado por rostos que já não aceitam o anonimato. É reconhecer que a memória não é apenas o que se guarda, mas o que se escolhe restituir e de que forma. Geléia da Rocinha escolheu a beleza, a espiritualidade e a cor. Escolheu devolver a essas figuras o que a história lhes negou: um nome, uma força, uma presença que permanece.

*Marco Antonio Teobaldo  
Curador e museólogo  
Centro Cultural Pretos Novos  
Gamboa, Rio de Janeiro, maio de 2026*

# MEMORY ON THE CANVAS

In 1869, the German photographer Alberto Henschel (Berlin – Germany, June 13, 1827 / Rio de Janeiro – Brazil, June 30, 1882) traveled through Recife with his camera and captured, on paper and silver, the faces of enslaved Africans. These were commissioned portraits under the sign of the colonial gaze, images that documented Black bodies as objects of curiosity, classification, and possession. The archive survived. The names did not.

More than a century and a half later, Geléia da Rocinha looks at these photographs and rejects the logic that produced them.

What he returns is not a memory restored by nostalgia, but a memory reinvented by the sacred. In each canvas of his newest series, "Memory on the Canvas," acrylic paintings on MDF produced in his studio in São Gonçalo this year, a figure photographed by Henschel reappears adorned with the symbols, colors, and insignia of the Candomblé orishas. Where there was a nameless portrait, there is now a divinity. Where there was a body marked by the violence of colonial documentation, there is a spiritual presence that transcends any archive.

There are eight works: Memory of Exu, Memory of Ogum, Memory of Omolu, Memory of Nanã, Memory of Xangô, Memory of Yemanjá, Memory of Oxum, and Memory of Oxumaré. Together, they form a pantheon, not as allegory, but as an act of faith and poetic justice. Each figure receives a name that slavery tried to erase. Each face, now enveloped by Exu's peppers, Ogum's swords, Nanã's flowers, and Yemanjá's beads, becomes a vehicle for an ancestry that time has not been able to extinguish.

Geléia da Rocinha's plastic language enhances this operation. His line is vigorous, frontal, without concessions to aesthetic euphemism. The palettes are vibrant and intentional: the red and black of Exu, the navy blue and silver of Ogum, the white and blue of Yemanjá, the solar yellow of Oxum, each color is theology, each form is a symbol. The painting does not illustrate the orishas: it summons them.

A self-taught artist, born and raised in Rocinha (one of the largest favelas in Brazil), Geléia da Rocinha carries in his work the synthesis of a tradition that does not pass through canonical museums or fine arts academies, but that was forged in the streets, in the terreiros (Afro-Brazilian religious spaces), in the festivals and in the collective memories of black and peripheral communities in Brazil. This trajectory is not marginality: it is another center. And it is precisely from this place that his art possesses the legitimacy that no diploma could confer.

It is no coincidence that this exhibition opens the doors of the Centro Cultural Pretos Novos, a new art and education space of the Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, in Gamboa. This neighborhood carries in its subsoil and memory the vestiges of the Cemitério dos Pretos Novos (Cemetery of the New Blacks), an archaeological site where enslaved Africans who died shortly after disembarking at the port of Rio de Janeiro were buried, nameless, without ritual, without a dignified burial. The IPN was born precisely so that this imposed oblivion would not be perpetuated.

"Memória à flor da tela" (Memory on the canvas) dialogues with this foundation in a profound and necessary way. If the Cemitério dos Pretos Novos is the place where the bodies were deposited nameless, Geléia da Rocinha's series is the place where the names return, and return as sacred power. The exhibition is not a requiem. It is a summons.

Looking at these paintings is to be challenged by faces that no longer accept anonymity. It is recognizing that memory is not only what is preserved, but what is chosen to be restored and in what way. Geléia da Rocinha chose beauty, spirituality, and color. It chose to give back to these figures what history denied them: a name, a strength, a presence that remains.

*Marco Antonio Teobaldo  
Curator and museologist  
Centro Cultural Pretos Novos  
Gamboa, Rio de Janeiro, May 2026*

Alberto Henschel. c. 1869. Recife, Pernambuco



**Memória de Exu**

**Acrílica sobre mdf**

**30 X 40 cm**

**São Gonçalo (2026)**



GELEIA

Alberto Henschel. c. 1869. Recife, Pernambuco



**Memória de Ogum**

**Acrílica sobre mdf**

**30 X 40 cm**

**São Gonçalo (2026)**



Alberto Henschel. c. 1869. Recife, Pernambuco.



**Memória de Omolu**

**Acrílica sobre mdf**

**30 X 40 cm**

**São Gonçalo (2026)**



GELEIA

Alberto Henschel, c. 1869. Recife, Pernambuco



**Memória de Oxum**

**Acrílica sobre mdf**

**30 X 40 cm**

**São Gonçalo (2026)**



Alberto Henschel, c. 1869. Recife, Pernambuco



**Memória de Xangô**

**Acrílica sobre mdf**

**30 X 40 cm**

**São Gonçalo (2026)**



Alberto Henschel, c. 1869. Recife, Pernambuco



## **Memória de Oxumaré**

**Acrílica sobre mdf**

**30 X 40 cm**

**São Gonçalo (2026)**



Alberto Henschel, c. 1869. Recife, Pernambuco



**Memória de Nanã**

**Acrílica sobre mdf**

**30 X 40 cm**

**São Gonçalo (2026)**



Alberto Henschel, c. 1869. Recife, Pernambuco



**Memória de Yemanjá**

**Acrílica sobre mdf**

**30 X 40 cm**

**São Gonçalo (2026)**





RES  
PEI  
TO



RESIS  
TÊN  
CIA



JUS  
TI  
ÇA



ANCES  
TRALI  
DADE



OR  
GU  
LHO



ME  
MÓ  
RIA

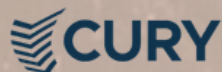


CONS  
CIÊN  
CIA





Apoio:



Realização:

